

2008 ✓

001 113 003



TRABALHO ORAL

IMPACTO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO NA GESTÃO
DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIAUso estratégico das tecnologias em informação
documentária

A INFORMATIZAÇÃO DA MAPOTECA DO INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS DA USP: relato de experiência ✓

GUERRA, S. R. Y.¹ ✓
LAET, M. A.² ✓
OLIVEIRA, É. B. P. M.³ ✓
SEVERINO, M. P.⁴ ✓

RESUMO

Relata a experiência da Biblioteca do Instituto de Geociências da USP na informatização de sua Mapoteca. O registro dos mapas no Banco de Dados Bibliográficos da Universidade (DEDALUS) requereu a formação de uma equipe com representantes de diversas bibliotecas para estudar a maneira como realizar a catalogação e a indexação. A informatização proporcionou a visibilidade dos mapas e pôs em evidência tanto a necessidade do trabalho em equipe como necessidade de fazer descrições bibliográficas adequadas a cada tipo de material.

Palavras-chave: Armazenagem e recuperação da informação. Mapas. Visibilidade.

ABSTRACT

It reports the the USP's Instituto de Geociências Library experience with its map collection computerization. The register of maps in the University Bibliographic Databank (DEDALUS) required the formation of a group with several libraries representatives to study the way cataloguing and indexation should be done. The computerization offered visibility to the maps and highlighted the need of group work and of making adequate bibliographic descriptions to each sort of material.

Keywords: Information storage and retrieval. Maps. Visibility.

1 INTRODUÇÃO

O advento das redes digitais de comunicação e da Internet provocaram mudanças significativas na comunicação científica na medida em que ampliaram a interatividade entre produtores e usuários da informação, o compartilhamento e, nesse sentido, o acesso à informação (POBLACIÓN, GOLDENBERG, 2001; MORESCHI, NORONHA, 2005).

Nesse contexto, é importante chamar atenção para um aspecto diretamente relacionado ao acesso: a disponibilização de conteúdos em bancos de dados bibliográficos, sejam eles de texto completo ou referenciais. É comum que um material bibliográfico deixe de ser acessado de maneira ampla por falta de registro em bases de dados ou, se registrado, por falta de descrição adequada, o que gera certa invisibilidade.

Na Biblioteca do Instituto de Geociências da USP havia um exemplo bastante claro dessa invisibilidade: até o início de 2004, os mapas constantes do acervo ainda não estavam registrados no DEDALUS, o Banco de Dados Bibliográficos da Universidade. Eles estavam catalogados em fichas disponibilizadas apenas para consulta local.

Para localizá-los, era necessária uma exata compreensão do que se estava buscando (local e característica técnica do mapeamento) e o auxílio do responsável por essa parte do acervo. Era, também, comum que usuários "perdessem a viagem" porque, não havendo a possibilidade de consulta *online* do material cartográfico disponível, deslocavam-se até o Instituto por supor a existência do material.

Fazia-se clara a necessidade de registrar no DEDALUS esse material cartográfico, de forma a facilitar sua recuperação.

Adicione-se a essas questões, o fato de que os mapas do Instituto de Geociências (IGc) são bastante consultados não só por membros do mundo acadêmico, mas também por usuários provenientes da iniciativa privada, que neles buscam informações importantes para os projetos de suas empresas. O constante manuseio de um material cujo suporte é frágil pode causar sua rápida deterioração.

A situação é mais grave no caso dos mapas mais antigos, que não foram reeditados e, portanto, não poderiam ser repostos ainda que houvesse verba para isso.

A digitalização dos mapas passou a ser vista como uma forma de interromper o uso e a deterioração, pois ao invés do documento em papel, sua versão eletrônica é que seria oferecida para a consulta do usuário. Os mapas originais deixariam de ser manuseados e até emprestados, o que contribuiria enormemente para a sua preservação, inclusive com a possibilidade de reposição de materiais esgotados que por ventura sofressem algum dano. Propôs-se, então, a criação de uma base de dados com os registros catalográficos dos mapas e um *link* para o material digitalizado.

Dessa forma, os mapas foram sendo cadastrados no DEDALUS seguindo o AACR2 e o MARC21, com o desenvolvimento em paralelo de uma base de dados local para inserção dos registros atrelados aos documentos eletrônicos, com a possibilidade de visualização da imagem digital. Assim, os registros foram sendo migrados do DEDALUS para a base GEOMapas. A digitalização do material cartográfico está sendo realizada com recursos próprios do IGc, com a colaboração da Seção Técnica de Informática, que utiliza um scanner de rolo HP DesignJet 815 MFT e gera arquivos em extensão JPEG, com 300 DPI de resolução. Os dados gerados são armazenados em um micro servidor, e cópias de segurança são gravadas em DVD.

Essa base terá seu uso regulamentado pelas normas de direitos autorais vigentes no país, ou seja, o acesso aos registros bibliográficos será franqueado via Internet a todos os interessados em saber sobre o material cartográfico existente no IGc, porém só será permitida a visualização dos mapas a partir de computadores localizados na Biblioteca, sem possibilidade de *download* dos arquivos.

Dada a tarefa comum às duas propostas (a inserção de dados catalográficos do material cartográfico do IGc tanto no DEDALUS como na base local), parte das atividades necessárias à sua implementação foi desenvolvida conjuntamente. É essa experiência que será narrada.

2 OBJETIVO DO CADASTRAMENTO DOS MAPAS DO IGC

Cadastrar a coleção de mapas da Biblioteca do Instituto de Geociências no Banco de Dados Bibliográficos da Universidade de São Paulo (DEDALUS), com vistas a uma posterior migração desses dados para uma base de dados interna que possibilitará o acesso ao documento em formato digital.

3 DESENVOLVIMENTO DA METODOLOGIA DE TRABALHO

A Biblioteca do Instituto de Geociências conta com mais de 5.800 mapas topográficos, geológicos, pedológicos, geomorfológicos e de vegetação, do Brasil (nacionais, estaduais e municipais) e do mundo em diversas escalas e apresentações acondicionados em 18 mapotecas.

O cadastramento dos mapas no DEDALUS iniciou-se no final de 2004, sendo que até então não havia registros desse tipo de material no Banco de Dados. Devido ao pioneirismo da iniciativa e às especificidades dos mapas, foram encontradas várias dificuldades tanto na descrição física quanto na indexação dos documentos. Por esse motivo, propôs-se ao Sistema Integrado de Bibliotecas da USP (SIBI/USP), em seu planejamento estratégico de 2005, o desenvolvimento de um projeto para “aprimorar a catalogação e indexação do material cartográfico existente nos acervos das bibliotecas” da Universidade, com a definição de uma metodologia comum a todas as bibliotecas que possuam esse tipo de material em seus acervos (APRIMORAMENTO..., 2005; APRIMORAMENTO..., 2006). Trata-se dos assim chamados MAPEAR I e MAPEAR II.

A partir desses projetos, foi desenvolvida uma planilha específica para catalogação do material no DEDALUS e colaborou-se com o aperfeiçoamento do Vocabulário Controlado da USP através da complementação/inclusão de termos geográficos (APRIMORAMENTO..., 2006).

Foram migrados para o DEDALUS cerca de 5.000 registros de mapas indexados em bases internas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), do Instituto de Oceanografia (IO) e do Centro de Biologia Marinha (CEBIMAR), que posteriormente seriam complementados e/ou corrigidos pelas

bibliotecas participantes do Projeto com o cadastramento de seus respectivos acervos.

Assim, no decorrer de 2005, a Biblioteca do IGc deu continuidade ao trabalho iniciado no ano anterior, mas seguindo as definições adotadas nos Projetos MAPEAR I e II.

4 METODOLOGIA

A Biblioteca do IGc possui um acervo de mais de 5.800 mapas. Antes do início da informatização da Mapoteca, eles estavam catalogados de forma simplificada em fichas em papel e sua recuperação era feita por assunto (nome geográfico) em catálogo local.

A inserção de dados no DEDALUS envolveu diferentes atividades exercidas por funcionários de vários setores da Biblioteca: Diretoria, Seção de Processamento Técnico e Setor de Material Audiovisual, ao qual está atrelada a Mapoteca. Adicionalmente, contou-se com apoio da Seção de Informática do Instituto. Foram estabelecidas as seguintes atividades:

- levantamento do número de mapas acondicionados em cada mapoteca, com seus respectivos números de localização e tombo, a fim de identificar possíveis extravios e números de tombo/localização vagos;
- catalogação de todos os mapas através do preenchimento de planilha específica, desenvolvida através dos Projetos MAPEAR;
- cadastramento do material no DEDALUS, com registro de localização no acervo da Universidade.

Tendo-se em vista a proposta específica da Biblioteca do IGc de criar uma base de dados própria com os documentos cartográficos digitalizados, acrescentaram-se a essas outras duas atividades:

- a migração dos registros para uma base de dados interna, com verificação de consistência das informações;
- a digitalização dos mapas, com estabelecimento de *links* para os registros.

Atualmente, cerca de 79% do acervo de mapas já está cadastrado no DEDALUS e migrado para a base interna, num total de 4.675 mapas. Com relação à digitalização, já foram digitalizados 1.697 mapas, com perspectiva de se finalizar essa atividade até o final de 2008.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação da informatização da Mapoteca demonstrou, na prática, aquilo que muitas vezes é relatado em textos:

- a impossibilidade do trabalho individual quando se está inserido em uma rede, o que foi evidenciado pela necessidade de transformar um projeto local em projeto sistêmico;
- a dificuldade (ou mesmo impossibilidade) de padronizar a descrição de diferentes materiais bibliográficos sem perda de informação;
- a importância da tecnologia da informação para ampliar acessos, disponibilizar a informação e, assim, dar visibilidade ao material informacional existente nos acervos.

O que também traz à tona outra questão: a importância da inserção dos dados do material bibliográfico nas bases, que deve ser feita seguindo uma política de catalogação e indexação que permita uma recuperação precisa e uma posterior unificação de bases de dados. O uso da mais avançada tecnologia da informação não prescinde da adoção de códigos, padrões e protocolos que viabilizem a troca de dados entre os diferentes sistemas de informação.

A experiência proporcionada por este trabalho foi bastante rica não só em termos da aprendizagem de um ponto de vista técnico, mas também no que tange ao aperfeiçoamento de serviços. Embora a proposta tenha sido concebida para atender uma comunidade mais local, verificou-se, através de contatos com profissionais da informação e pesquisadores, que outras bibliotecas que abrigam material cartográfico têm interesse em desenvolver trabalho semelhante: formar uma base de dados com registros cartográficos acompanhados de *links* para os documentos digitalizados como uma forma de ampliar o acesso e interromper o uso

de documentos tão frágeis. Acredita-se que, por meio da união de interesses e esforços, pode ser criada uma rede para o intercâmbio desse tipo de informação.

Diversas bibliotecas possuem em seus acervos materiais cartográficos muitas vezes de difícil obtenção e que, de forma geral, não estão indexados em nenhuma base de dados sem, portanto, estarem “visíveis” à sociedade. A formação de uma rede de informações geológicas permitiria a disponibilização dessa informação aos pesquisadores. Isso em muito beneficiaria a comunidade geológica nacional na medida em que a cooperação entre instituições com o objetivo de reunir, divulgar, disponibilizar e compartilhar informações específicas da área daria maior visibilidade à produção nacional e contribuiria, assim, para o desenvolvimento científico do país através do aproveitamento dos recursos informacionais ora disponíveis.

REFERÊNCIAS

APRIMORAMENTO do tratamento técnico das coleções cartográficas da USP (Projeto 3): caderno de projeto. São Paulo: Universidade de São Paulo. Sistema Integrado de Bibliotecas, 2005. Relatório interno.

APRIMORAMENTO do tratamento técnico das coleções cartográficas da USP (Projeto 3) – fase II: caderno de projeto. São Paulo: Universidade de São Paulo. Sistema Integrado de Bibliotecas, 2006. Relatório interno.

OLIVEIRA, E. M. P. O.; NORONHA, D. A comunicação científica e o meio digital. **Informação e sociedade: estudos**, v. 15, n. 1, p. 75-92, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/53/1523>>. Acesso em: 20 jun. 2008.

POBLACIÓN, D. A.; GOLDENBERG, S. Acta Cirúrgica Brasileira: visibilidade e acessibilidade da produção científica na área da cirurgia experimental. **Acta Cirúrgica Brasileira**, v. 16, n. 3, jul./ago./set. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-86502001000300001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 jun. 2008.

¹ Sonia Regina Yole Guerra, Universidade de São Paulo, syog@usp.br.

² Maria Aparecida Laet, Universidade de São Paulo, mlaet@igc.usp.br.

³ Érica Beatriz Pinto Moreschi de Oliveira, Universidade de São Paulo, moreschi@usp.br.

⁴ Maristela Prestes Severino, Universidade de São Paulo, estelaprestes@ig.com.br.